

editor convidado

---

# Teatro Musical: da tradição ao contemporâneo

Neyde Veneziano\*

---

Em tempos de tantos musicais em cartaz e de tanta música nos palcos brasileiros, orgulho-me de apresentar aos leitores o dossiê temático deste número: Teatro Musical: da tradição ao contemporâneo.

Todos sabem da vocação musical do público brasileiro. Sabem também da nossa inclinação para a comédia. E que, ao juntar comédia e música tivemos, durante décadas, o significativo fenômeno teatral que representou o mais bem sucedido casamento brasileiro entre teatro e música: o teatro de revista.

Nossa tradição teatral permite afirmar que o teatro de revista foi o gênero mais expressivo do teatro brasileiro. Em termos numéricos, entre as décadas de 1920 e 1940, a produção revisteira nacional foi surpreendente e insuperável. O Rio de Janeiro era um formigueiro teatral para onde iam os turistas e o público ansioso de diversão, música e beleza.

Mas este musical entrou em decadência. Menosprezado pela crítica, abandonado pelo público, desatualizado pelas dificuldades políticas, o gênero quase desapareceu. Porque, simplesmente não era mais necessário. As exigências do público jovem eram outras. As plateias mais antigas apenas lembravam saudosas do tempo das alegres e belas montagens.

A oferta de teatro musical, entre os anos 50 e 60, resumiu-se a algumas montagens traduzidas e adaptadas, importadas diretamente da Broadway. Foi o caso da antológica **Minha querida lady** (*My fair lady*), em 1962, com Bibi Ferreira e Paulo Autran.

Apesar da censura e do regime militar, o palco musical insistiu na sobrevivência nos anos 60 e 70. O modelo importado (principalmente o americano), nessa época, era rejeitado: julgava-se o teatro americano como um teatro alienado, um modelo imposto pelos opressores burgueses. Foi então que nossos musicais buscaram na resistência seus temas de interesse nacional.

---

\*Neyde Veneziano é Doutora e Livre Docência em Direção Teatral (USP) e fez pós-doutorado na Universidade de Bologna, sobre Dario Fo. Escreveu quatro livros sobre Teatro de Revista e um sobre Dario Fo, além de capítulos e artigos sobre encenação no Brasil. Como diretora, encenou 30 espetáculos. Atualmente, é orientadora de Doutorado e supervisora de Pós-Doutorado no Instituto de Artes da UNICAMP.

Nossa música enamorou-se de uma nova dramaturgia. Semeou-se outro terreno fértil, agora para um público de estudantes e de gente interessada em ouvir e entender sobre as injustiças sociais. Chico Buarque, Edu Lobo e Guarnieri representaram poeticamente o período, cantando e dramatizando a dura realidade em musicais brasileiros e nada convencionais. São dessa época **Roda-viva, Arena conta Zumbi, Ópera do malandro.**

A década de 80 inaugurou o musical biográfico. **Lamartine para inglês ver; O Abre Alas; Cole Porter; Duas Irmãs**, entre outros, contavam, de forma dramática e musical as vidas daqueles astros.

Difícil colocar marcos e bandeirinhas. Impossível determinar o início e o fim de cada uma das tendências. Os movimentos não estão em gavetas. Nem seria possível abrir a janela, numa certa manhã, e dizer: - hoje será criada uma nova fase do teatro musical brasileiro.

Das revistas da Praça Tiradentes, passando por montagens importadas da Broadway nos anos 50 e 60, pelo musical de protesto dos anos 70 e o renascimento do musical no Brasil, com biografias de astros da MPB no Rio (anos 90), e a produção da CIE Brasil (atual *Time for Fun*), chegamos a uma vasta produção iniciada já na década de 2000.

Esta nova fase atrai uma leva de novos atores preparados para interpretar, cantar e dançar, segundo as necessidades do novo musical. O conjunto das produções reflete a grandiosidade das obras e das novas casas de espetáculo, aparelhadas para as modernas produções. Teatros com fosso de orquestra voltaram à moda e novas salas estão sendo construídas. Orquestras com até 23 integrantes garantem a sonoridade única e o momento inesquecível. Quem antes precisava ir a Nova York, hoje assiste aqui a montagens exatamente iguais e bem feitas. São Paulo tornou-se a *Broadway Brasileira*.

Para este número da revista Poiesis, apresentamos, muito oportunamente, três artigos sobre este teatro musical brasileiro, com suas produções e reflexões.

O artigo intitulado *De crioulo doido: paródia, vanguardas e teatro de revista*, de Virginia Namur, estabelece relações entre teatro de revista e paródia. O artigo de Vera Collaço e José Falleiro expõe as dificuldades e recompensas de uma experiência inovadora: a montagem de um *Musical na Universidade*. E Mirna Rubin, Doutora em Voice Performance pela Universidade de Michigan, atriz e professora da UNIRIO, aborda necessidades técnicas para a formação

de atores deste novo gênero em seu artigo denominado *Teatro Musical Contemporâneo no Brasil: sonho, realidade e formação profissional*.

Teatro musical, não é erudito como a ópera, não é fragmentado como a revista. Mas tem mercado. Tem público. Tem beleza. E tem arte. Por isso e pelo público brasileiro que se mostra cada vez mais exigente, dedicamos este conjunto de artigos... pois é da universidade que partem as reflexões, as inovações e, também, é aí que se consolidam ideias e movimentos. Esperamos que, em futuro bem próximo, tenhamos uma fortuna crítica sobre o teatro musical brasileiro. Para que o terreno semeado produza e cante ainda mais.